

“Sem medo de ser feliz”: atualizações da memória no/pelo digital

João Victor da Silva Carvalho*

<http://orcid.org/0000-0003-3811-2983>

Resumo: Neste artigo, analisamos o vídeo “*Sem medo de ser feliz*”, produzindo gestos de interpretação que flagram atualizações da memória discursiva, em torno da campanha de Lula (PT) para a presidência em 2022, pela materialidade digital. Para tal, nos inscrevemos na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD). Nessa esteira, a reflexão procura circunscrever o trabalho simbólico de atualização e retomada dos dizeres no material recortado. Concluímos assinalando para o um funcionamento discursivo que não está apenas na ordem da capacidade de armazenamento, mas também nas falhas e rupturas da/na memória que se costumam nos entremeios da rede digital.

Palavras-chave: Lula. discurso político. memória discursiva. análise de discurso.

“Sem medo de ser feliz”: memory updates in/through digital

Abstract: In this article, we analyze the video “*Sem medo de ser feliz*”, producing gestures of interpretation that reveal updates of the discursive memory surrounding Lula's (PT) campaign for the presidency in 2022, through digital materiality. In order to do this, we used the theoretical-methodological perspective of Discourse Analysis (DA). In this vein, the reflection seeks to circumscribe the symbolic work of updating and retaking the sayings in the clipped material. We conclude by pointing to a discursive functioning that is not only in the order of storage capacity, but also in the failures and ruptures of/in the memory that are sewn together in the digital network.

Keywords: Lula. political discourse. discursive memory. discourse analysis.

« Sem medo de ser feliz » : mises à jour de la mémoire dans/via le numérique

Résumé: Dans cet article, nous analysons la vidéo “*Sem medo de ser feliz*”, en produisant des gestes d'interprétation qui révèlent des mises à jour de la mémoire discursive entourant la campagne de Lula (PT) pour la présidence en 2022, à travers la matérialité numérique. Pour ce faire, nous avons appliqué la perspective théorique-méthodologique de l'Analyse du Discours (AD). Dans cette optique, la réflexion cherche à circonscrire le travail symbolique de mise à jour et de reprise des dictons dans le matériel découpé. Nous concluons en indiquant un fonctionnement discursif qui n'est pas seulement de l'ordre de la capacité de stockage, mais aussi des défaillances et des ruptures de/de la mémoire qui sont cousues dans le réseau numérique.

Mots clés: Lula. discours politique. mémoire discursive. analyse du discours.



Introdução

O real histórico faz pressão, fazendo que algo irrompa nessa objetividade material contraditória (a ideologia). O que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação unívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites. (ORLANDI, 2015a, p. 61).

Esta reflexão tem como objetivo principal a produção de gestos de que flagram atualizações da memória discursiva em torno da campanha eleitoral para presidência de Lula (PT), em 2022, na/pela materialidade digital. Para tal, mobilizamos o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso de base materialista. Esta posição teórica nos faz considerar a relação entre a história e a linguagem, as condições de produção e circulação das/nas tecnologias digitais e o atravessamento da política na cena pública cotidiana.

Se, por um lado, os recentes trabalhos na perspectiva de uma *Análise do Discurso Digital*¹ seguem a direção de compreender as formas tecnolinguageiras de produção de diversos enunciados, textos, imagens e vídeos, pensando a *quantidade* como estruturante no ordenamento de uma *memória tecnodiscursiva* (PAVEAU, 2021), por outro, seguem os trabalhos que insistem na relação entre o sujeito e uma exterioridade constitutiva, que irrompe na *ordem do seu discurso* e produz formas de inscrição material na espessura da linguagem, inclusive nos espaços metálicos da rede eletrônica.

Em 1981, Michel Pêcheux sustentara sobre os avanços informáticos e sua mobilização analítica, que

As ambiguidades, metáforas e deslizamentos próprios às línguas naturais são propriedades incontornáveis do campo da análise de discurso, que se diferencia por essa razão mesma de toda perspectiva estritamente informacional, documentária ou “intelectiva”. *Um corpus de arquivo textual não é um “banco de dados”*. (PÊCHEUX, 2015a, p. 281 grifo nosso).

¹ “A Análise do Discurso Digital consiste na descrição e análise do funcionamento das produções linguageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando igualmente os recursos linguageiros e não linguageiros dos enunciados elaborados.” (PAVEAU, 2021, p. 57).

É nesta segunda direção, consoante às palavras de Pêcheux, que organizamos nosso trajeto teórico e analítico. Em outras palavras, reconhecemos a urgente necessidade de elaboração de dispositivos de interpretação para o contemporâneo no campo das Ciências Humanas e dos Estudos da Linguagem: investir na reflexão sobre os regimes de vigilância, no entendimento sobre como se dá fuga de dados por entre os dedos de sujeitos-usuários, os modos de inscrição (des)autorizados pela arquitetura algorítmica de *sites*, *blogs* e portais de informação como parte da configuração das atuais condições são realizadas as práticas de linguagem. Entretanto, o buscamos fazer sem esquecer de noções que são caras ao quadro da Análise do Discurso: *ideologia* – como estrutura-funcionamento da interpelação; *memória* – como lastro, marca, vestígio dos esquecimentos que atravessam a subjetividade, e *arquivo* – como regime de visibilidade, ordenamento na relação com o simbólico.

Tendo isto posto, tomamos como material de análise o vídeo “*Sem medo de ser feliz*”², posto em circulação no *YouTube* em Maio de 2022, durante o lançamento da pré-candidatura do Partido dos Trabalhadores (PT) para a campanha presidencial que culminou na posterior vitória de Luís Inácio Lula da Silva em outubro do mesmo ano. Nas análises, tomamos o movimento constante de remissão entre a constituição e a formulação das imagens (LAGAZZI, 2009) para flagrar o movimento da memória discursiva em enunciados visuais da cena política brasileira, colocando *formulações e materialidades em relação à*.

Tomando pleito por uma postura ético-política, propomos o seguinte percurso para este texto: inicialmente, retomamos o modo como pesquisadores da Análise de Discurso (AD) *materialista* têm refletido questões da política; posteriormente, avançamos sobre o material analítico para pensar duas direções de análise (uma centrada nos modos de enunciação/composição na materialidade digital, e uma outra que busca dar a ver formas de inscrição de sujeitos-ordinários afetados pelo real das condições de produção e do esgarçamento do laço social promovido pelo então (des)governo. Em suma, entendemos que o conceito de Memória Discursiva viabiliza a compreensão das formas de enunciação no espaço digital da *internet*, pensando aí seu

² Na aba da descrição do vídeo no *YouTube*, diz: “Assista ao clipe da música “Sem medo de ser feliz”, baseada na versão original de Hilton Acioli, uma surpresa preparada por Janja para Lula.

funcionamento para além de um parâmetro quantitativo, pois as inscrições do sujeitos no espaços enunciativos informatizados produzem *discursividade* (PÊCHEUX, 2016), significando pela história, colocando em confronto o político e a política na circulação dos discursos.

Discurso Político e Arquivo: conceitos em Análise de Discurso

O campo teórico inaugurado pela AD pecheuxtiana³ é, desde a década de 1960, um campo de (*in*)disciplina: afeito a colocar em questão a neutralidade dos métodos em ciências sociais e demarcar, no interior destas, um modo de reflexão assumidamente marxista-althusseriano. Nossa proposta para este momento de retomada teórica tem como objetivo apontar um percurso de leitura que toma como fio condutor a relação entre o objeto da AD, o discurso, e o campo da política.

Nesta atividade de escavação, de resgate histórico, esbarramos no Movimento de Maio de 68, que, para Jean-Jacques Courtine (2006, p. 104), “[...] marca a emergência repentina de novos valores: um desejo de liberdade individual, de expressão pessoal que refuta as hierarquias, as tutelas e as tradições”. Nesse momento, o acontecimento na cena política produz efeitos nas conjunturas social e acadêmica francesas, pois, como também diz Courtine (2006, p. 9), “[...] o discurso flutuava perdido no espaço. Maio de 68 produziu uma exasperação da circulação dos discursos, sobre as ondas, sobre os muros e na rua, mas também, no silêncio das escritaninhas universitárias”. O discurso aparece como uma peça teórica central nesta conjuntura, num momento em que a discussão sobre a leitura dos textos aparecia, no interior do debate marxista, como “[...] um jogo teórico e político decisivo” (COURTINE, 2006, p. 10).

Podemos recuperar na obra de Michel Pêcheux muitos elementos que evidenciam essa forte relação entre os *corpora* do discurso político e o desenvolvimento de noções e

³ Instaura-se já numa região de fronteira teórica, tendo em suas bases uma epistemologia que articula o “[...] materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, atravessada por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 160).

procedimentos analíticos que compuseram o quadro da Análise de Discurso em suas primeiras décadas. Atentamo-nos a algumas formulações teóricas que ao nosso ver configura um forte alicerce para pensar o trabalho da política nas determinações da linguagem e seu funcionamento:

I) Em *Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social*, Pêcheux (2015b) escreve, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, que a prática social se configura sob o conjunto de diversas outras, com naturezas diversas, mas que estão imbricadas no funcionamento de um todo. A prática política, como uma dessas formas de desestabilização do/no social se ancora “[...] nas transformações das relações sociais em novas relações sociais produzidas por meio de instrumentos políticos” (PÊCHEUX, 2015b, p. 24). Nesta mesma direção, as práticas ideológicas sugerem “[...] a transformação de uma “consciência” dada em uma nova “[...] consciência” produzida por meio da uma reflexão sobre si própria” (PÊCHEUX, 2015b, p. 25). Da perspectiva assumida pelo autor, tais práticas encontram na formulação de demandas pelo social um lugar de disputa, e um duplo movimento em que se separaram (podemos observar como efeito prático o esvaziamento ideológico da prática política) e que se imbricam (o que podemos também reconhecer pelo fito da inscrição imanente do ideológico como aquilo que subjaz a toda prática política). Desse modo,

O instrumento de transformação da prática política é o discurso, como sistema articulado que remete à prática social complexa, - seja ele sob a forma de Mito ou de sistema - compreende-se finalmente que a prática política tem por função transformar as relações sociais reformulando a demanda social (demanda que também é comanda, no duplo sentido que entendemos daqui por diante). Dizendo isto, não pretendemos que a política se reduza ao discurso; mas que toda decisão, toda medida no sentido político adquira seu lugar na prática política *como* uma frase em um discurso. (PÊCHEUX, 2015b, p. 35).

II) Em outro momento de sua reflexão, pontuando aqui o texto *As massas populares são um objeto inanimado?* Pêcheux (2015c) retoma a questão do discurso político para produzir uma análise que aponta para o modo como “[...] a política tem, indiscutivelmente, efeitos na linguagem, e não são efeitos desconexos” (PÊCHEUX, 2015b, p. 252). O exercício analítico empreendido pelo autor buscava interpretar as regularidades com as quais os termos *planejamento, mudança política, reforma radical* dentre outros podiam indicar não apenas a existência de duas Formações Discursivas

(FD) que regulam as evidências de sentido entre os modos de ler um mesmo documento, mas também a forma como a contradição incide na relação entre a FD de Direita e a FD de Esquerda. O autor aponta para um processo discursivo em que o domínio dos textos de esquerda é determinado pelo “[...] próprio funcionamento da prática burguesa [...] sendo essas duas trajetórias (dos enunciados parafrásticos) pura aparência externa que ressalta a linha política burguesa de intervenção do Estado” (PÊCHEUX, 2015c, p. 271). Em outros termos, as análises apontam para o modo como, mesmo no conjunto de textos ditos como de esquerda, são pouco recorrentes formas de interpretação que não estejam submetidas aos moldes capitalistas de resolução de crises econômicas, marcando, nas palavras, elementos que subjazem à luta de classes. Nessa direção,

No terreno da linguagem, a luta de classes ideológica é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e enunciados, uma luta vital para cada uma das classes sociais que têm se confrontado ao longo da história. Essa luta continua hoje como uma luta revolucionária incessante contra o estágio final do capitalismo (PÊCHEUX, 2015c, p. 273).

Os trabalhos forjados à luz da AD materialista tomam como consequência teórica o acontecimento da política na ordem da linguagem. Dito de outra forma: importa que a heterogeneidade e a contradição possam ser tomadas como elementos constitutivos das definições e procedimentos analíticos. Destarte, este imbróglio que se produz na indistinção entre o discurso político-partidário e a figura pública, a insurreição de instituições políticas diversas e independentes e o esvaziamento dos sentidos da prática política cotidiana nos espaços de organização das classes trabalhadoras é produto, desde sempre, de um massivo processo de alienação por parte da ideologia capitalista, processo este que vai se modificando, sofisticando-se a cada época. Como já pontuamos, uma das grandes preocupações do pensamento filosófico de Pêcheux era de investir incessantemente na questão **política** dos modos de tratar um texto: a disputa por ser um especialista em leitura (ou colunista político num perfil do *Instagram* dedicado ao tema, nos dias de hoje) está fortemente alicerçada na ilusão de uma língua cristalina, de que os sentidos já estão lá, prontos para serem desvendados.

Prosseguindo em nosso percurso, cruzamos o Atlântico, para tratar de deslocamentos teóricos que sinalizam o trabalho não apenas com a política como prática

partidária, panfletária ou militante, mas sobretudo, com as formas de confronto entre do político e com simbólico. Nos diz Orlandi (1998, p. 74) que: “[...] o político compreendido discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história.”. Para autora, é fundamental pensar na espessura semântica dos objetos de linguagem⁴ como uma gregariedade do político que constitui os sujeitos (ORLANDI, 1998). Em outras palavras, o político não está restrito ao candidato de um partido que disputa as eleições, mas está na base da linguagem como espaço da prática dos sujeitos, instaurando divisões, assimetrias, movimentos. É pela presença do político que os espaços de enunciação não compareceram das mesmas formas no plano do dizer, pois são ocupados por sujeitos igualmente flagelados pela história.

Na direção dessas reflexões, Orlandi (1998) segue afirmando, primeiramente, o “[...] sujeito como posição que se produz entre outras, entre diferentes discursos, numa relação regulada pela memória do dizer, trabalhada pelo esquecimento” (ORLANDI, 1998, p. 77). É preciso dar consequência a esta proposição, pensando nas formas de enunciação da cena política, as quais diluem as diferenças materiais e ideológicas. Nesse campo, em que se interroga pela historicidade da prática política da representação (pensando os regimes democráticos ocidentais), a *intenção* é diluída, fragmentada, pois, “[...] derivam do nível da formulação, já sendo determinadas no nível da constituição do discurso em que as posições sujeito foram definidas por uma relação desigual e contraditória com o dizer” (ORLANDI, 1998, p. 78).

Tomando o forte enlace teórico entre sujeito-sentido-ideologia, é preciso ainda situar os discursos em circulação na formação social brasileira e estreitar nosso percurso de leitura para mais próximo das enunciações produzidas no tempo mais recente, pensando, aí, os sentidos latentes na recente democracia “verde e amarela”. Indursky (2003) traz uma reflexão sobre a primeira eleição de Luís Inácio “Lula” da Silva, doravante Lula, analisando, naquelas condições de produção, os modos como o enunciado *Lula Lá* produziu um desarranjo nas relações de força e poder que estruturam

⁴ Antecipamos ao nosso leitor que, no próximo bloco do texto, em decurso das análises, procuramos pensar as formas de aparecimento, textualização do político, agora afetadas pela materialidade digital.

a cena política, pensando o funcionamento discursivo que produz determinações desta cena na língua, materializando “[...] efeitos de memória que se fazem presentes toda vez que um membro de um partido de esquerda, mais especificamente do PT, se apresenta como candidato, em qualquer nível” (INDURSKY, 2003, p. 105). Ainda nesta direção, a autora insiste no trabalho com diferentes formulações, dispostas não à revelia, mas sob o prisma da regularidade, da repetição que legitima os discursos e encorpa a memória social. Rememora Indursky (2003, p. 110):

[...] à medida que as urnas iam sendo apuradas, começamos a perceber, naquela noite, que Lula lá não era mais um sonho, um objeto inalcançável de desejo, uma utopia, um impossível. E foi exatamente esta transformação, que levou da utopia à realidade, que produziu o acontecimento.

Um acontecimento histórico e discursivo, produzindo clivagens, desvios, versões,

Que colocava, pela primeira vez, nesses 500 anos de história, na Presidência da República Federativa do Brasil, um filho do povo, um presidente sem instrução formal, que não possui nenhum diploma universitário, que atropela a língua em sua modalidade culta, que não fala nenhuma língua estrangeira, enfim, um operário, um torneiro mecânico que tem, em sua mão esquerda apenas quatro dedos, marcando, dessa forma, indelevelmente, sua origem operária. Um homem que se chama apenas Silva (INDURSKY, 2003, p. 110).

Num momento anterior, nas primeiras versões desse artigo⁵, tomamos partido pela mobilização de um material fortemente afetado pelo discurso político e justificamos tal *tomada de posição* pela necessidade de forjar um lugar de escuta teórica para a ansiedade e instabilidade dos tempos difíceis que se desenharam no período eleitoral e se estendem aos dias atuais: temporalidade marcada pela violenta divisão do campo político brasileiro, pela ainda pulsante presença da pandemia, por uma crise de informações falsas, de ataques às instituições democráticas e ao bem comum. Não vivemos tempos tranquilos, muito pelo contrário, fomos colocados em um estado de ameaça constante.

Por tudo quanto precede, podemos perceber que os materiais a que se dedicam analistas de discurso francófonos e brasileiros sempre estiveram de algum modo afetados pela política. Courtine (2014, p. 77) denomina como *corpus de arquivo* “[...] os corpora constituídos a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por

⁵ Entre setembro e outubro de 2022.

exemplo, os historiadores são confrontados”. Mas, o que diferencia (ou confunde) o trabalho analítico feito com a AD daquele feito pelos historiadores, estaríamos no mesmo ponto do *arquivo*? Entende-se que

A adoção de um ponto de vista especificamente discursivo deve evitar, se é que no discurso se estabelece uma relação determinada entre o linguístico e o ideológico, reduzir o discurso à análise da língua ou dissolvê-lo no trabalho histórico sobre as ideologias; porém, deve levar em conta a materialidade discursiva como objeto próprio, isto é, produzir a seu respeito propostas teóricas (COURTINE, 2014, p. 31).

Portanto, para Courtine, assim como para Pêcheux, a leitura discursiva dos arquivos demanda a formulação de instrumentos e práticas próprias, deslocando e trazendo questionamentos sobretudo quanto às *condições de produção* que circunscrevem a produção e a circulação desses arquivos. Retornando à noção de *arquivo*, tal como formulada por Pêcheux (2010, p. 59), lemos: “[...] o arquivo entendido em sentido amplo como o campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, entenderemos que a *pertinência e a disponibilidade* desses documentos já fazem parte de um trabalho *político* anterior, que agencia a uns e outros de diferentes modos àquilo que está na ordem da pertinência e da disponibilidade.

A seu tempo, esteve no horizonte de Michel Pêcheux, a preocupação com o modo como as Ciências, e em especial a Linguística, lidavam com “[...] dados informaticamente marcados” (PÊCHEUX, 2010, p. 57), tratando-os a partir de perspectivas pragmáticas ou logicistas pouco sensíveis aos aspectos históricos, sociais e subjetivos implicados no tratamento de bancos de dados textuais construídos a partir um *design* informático em emergência. A discussão proposta sobre os arquivos no campo da AD surge em um campo fecundo de provocações filosóficas nas quais a leitura, enquanto trabalho intelectual e ferramenta teórico-metodológica, foi colocada em suspensão. Para Pêcheux (2010, p. 59),

A questão da leitura permaneceu quase sempre implícita: há entretanto fortes razões para se pensar que os conflitos explícitos remetem em surdina a clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes, ou mesmo contraditórias de *ler o arquivo*.[...] Assim, começa a se constituir um *espaço polêmico das maneiras de ler*, uma descrição do trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo, uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em confronto.

A partir das lições de Pêcheux, podemos compreender que a noção de *arquivo* para o campo discursivo é um ponto de tensão, colocando a cada época e a partir do alavanque das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) desafios à sua compreensão: nos parece acertado dizer que as relações do arquivo com as mídias/tecnologias produziram modos de interpelação ideológica diversos, formas cada vez mais contraditórias de leitura. Atualmente, os trabalhos francófonos em torno da Análise do Discurso Digital mobilizam a noção de que a *memória tecnodiscursiva*, entendendo que essa “[...] amplia as capacidades da memória não equipada digitalmente, produz *arquivos inéditos* em formas digitais nativas, ordena parcialmente a massa de dados discursivos produzidos online e constitui linhagens e formulações prévias para a elaboração dos discursos” (PAVEAU, 2021, p. 267, grifo nosso).

Da perspectiva aqui adotada, uma Análise de Discurso com forte alicerce nos trabalhos de Pêcheux mas já lida e deslocada por pesquisadoras brasileiras a partir de questões muito próprias à formação social brasileira, esta relação entre arquivo e tecnologia(s)/mídia(s) não se põe somente na esteira da capacidade de armazenamento ou do “ineditismo” que este modo singular de produção, de circulação e de acesso do conhecimento humano produz. Para a AD materialista, pensar a estruturação dos arquivos na *internet* demanda colocar, nesta equação, a *ideologia*. Conforme Grigoletto (2017, p. 146), “[...] embora esse arquivo tenha uma capacidade imensa de armazenamento, ao contrário da anunciada democratização do acesso livre e universal, a *internet* não está acessível a todos os cidadãos. Ela inclui, mas também exclui”. Fazer incidir a questão material do acesso produz furos na evidência de que todos os sujeitos já são desde sempre sujeitos-usuários, e permite pensar nos regimes de visibilidade e invisibilidade que funcionam na regulação daquilo que emerge na superfície da rede: os resultados de uma pesquisa no buscador da *Google*, as sugestões de amizade no *Facebook*, as notícias e publicações que aparecem no *feed* do *Instagram* ou os vídeos “recomendados para você” na página inicial do *YouTube*... Essas operações *tecnolinguageiras*, ao mesmo tempo que dizem da capacidade de armazenamento infinito na *internet*, também deixam ver formas de determinação e controle:

Assim, o que é dito ou não na rede, arquivado ou não, se se trata de autoria coletiva ou individual é regulado não só pela tecnologia, mas também pelas

relações de poder presentes na nossa formação social. [...] Estamos diante de um Arquivo em que tudo se arquiva e nada se arquiva ao mesmo tempo. A ilusão de controle da máquina se (con)funde com a ilusão de controle do sujeito, apontando para a impossibilidade de tudo poder dizer e arquivar. (GRIGOLETTO, 2017, p. 246-247).

Tendo em vista a fundamentação que alicerça nosso dispositivo analítico, propomos, daqui em diante, gestos de interpretação sobre o vídeo “*Sem medo de ser feliz*”, posto em circulação em Maio de 2022, durante o lançamento da pré-candidatura do Partido dos Trabalhadores (PT) para a campanha presidencial que culminou na posterior vitória de Luís Inácio Lula da Silva em outubro do mesmo ano. Justificamos a escolha deste material para demonstrar, a partir das análises, o modo como o funcionamento da memória no digital, ocorre não se dá unilateralmente pelo viés da quantidade, mas também pela sua relação com o arquivo. Procuramos, por essas vias, dar consequência à proposta de base discursiva, produzindo um espaço polêmico de leitura, em que se façam mais perguntas do se busque por respostas sobre o sentido de enunciados e textos.

Com base nos alicerces que sustentam o batimento entre o material de análise e o corpo teórico, coloca-se como horizonte analítico a seguinte questão inicial: de que modo se imbricam diferentes materialidades significantes em composições que são formuladas e circulam através de espaços digitais da/na *internet*?

Da análise: formas de composição na materialidade digital

Iniciamos agora nosso caminho investindo sobre o material em análise, por uma retomada daquilo que, ao ser colocado em circulação pela *internet*, nos captura pelo olhar e nos afeta inconscientemente em nossas posições político-ideológicas. Para isso, buscamos, em um primeiro movimento analítico dar relevo à *formulação* (ORLANDI, 2012), ou seja, ao “[...] investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras [...] dando contorno material ao dizer, instaurando o texto” (ORLANDI, 2012, p. 10), naquilo que é enunciado em algum momento, por um sujeito e que se faz de um modo

e não de outro. Seguindo o enunciado “Sem medo de ser feliz”, tomamos a liberdade de friccionar seus meandros, indagando por outras formulações que sedimentam-se naquela. Para explicitar essa hipótese, propomos algumas seqüências discursivas, inferidas a partir da formulação-base:

- (SD₁): (EU ESTOU) SEM MEDO DE SER FELIZ...
- (SD₂): (EU ESTOU) COM MEDO DE SER FELIZ...
- (SD₃): EU TENHO MEDO...
- (SD₄): EU DESEJO SER FELIZ...
- (SD₅): EU DESEJO SER FELIZ, MAS TENHO MEDO...
- (SD₆): O MEDO ME IMPEDE DE SER FELIZ...
- (SD₇): APESAR DO MEDO, SEREI FELIZ...

Produzidas na exposição da formulação à deriva.
Cf. Pêcheux (2015e) e Orlandi (2015b)

Pela via da formulação, o gesto do analista expõe o enunciado a suas próprias clivagens. Há de se questionar a obviedade que se instaura no *slogan* da campanha presidencial de Lula em 2022, pois os sentidos não vêm de lugar nenhum. Primeiramente, é possível questionarmos: os sentidos de *medo* e *feliz* constituem-se dos mesmos modos, a partir das mesmas regiões de sentido? Numa perspectiva mais estrita, podemos interpretar que o significante *medo*, substantivo abstrato que nomeia o sentimento/estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência, atua junto com outros significantes como *temor-tristeza-angústia*. Já o significante *feliz*, adjetivo que condensa outros sentimentos/sensações como alegria, satisfação, geralmente vem acompanhado de outros termos, como: contentamento-liberdade-felicidade. Ao serem formulados na/pela letra da canção-*slogan* político, esses sentidos trabalham juntos, não como o somatório/complementariedade de um sentido a outro, ou pela negação/anulação que neutralizaria as discrepâncias e apararia as arestas para que a formulação fosse compreensível. Na perspectiva discursiva, “[...] o sujeito é determinado pela exterioridade mas, na forma sujeito-histórica que é a do capitalismo, ele se constitui por esta ambiguidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz. A formulação é o lugar em que esta contradição se realiza. (ORLANDI, 2012, p. 10).

Pela via da formulação, tropeçamos na sintaxe, que compreendida discursivamente torna possível o investimento sobre o linguístico sem perder de vista o ideológico. Sintaticamente é preciso recuperar o *sujeito elíptico* (SD₁) que nos permite trabalhar o jogo entre o dito e o não-dito: Quem não tem medo de ser feliz? A operação sintática lineariza termo a termo no fio do discurso, instaurando as relações necessárias para a produção do sentido no interior de determinada *formação discursiva*. Por se tratar de uma oração cujo verbo é expressa semanticamente um estado (*estar*), mobiliza-se o substantivo “*medo*”, acompanhado das preposições “*sem*” para preencher a função de objeto direto (SD₃). Entretanto, há algo ainda a se dizer... a sintaxe faculta o uso do *complemento nominal* para termo “*medo*” (medo de quem? Medo do quê?), encaixando-se assim a locução verbal “*de ser feliz*”, que encerra a oração sintaticamente. Do ponta de vista discursivo, porém, o enunciado não está encerrado, do contrário, ele segue produzindo efeitos, pelas brechas que seu encadeamento sintático expõe na ordem da língua⁶.

Chamo atenção para o funcionamento do operador preposicional “*sem*”, que, no plano sintático, desempenha “apenas” a função de *ligar* um termo a outro, num período simples. Discursivamente, porém, o “*sem*” funciona sempre em relação ao “*com*” (SD₂), enquanto o primeiro aponta uma circunstância de posse, o segundo diz de uma circunstância de falta. Aqui, entre a posse e a falta, estreitam-se os limites das/nas/pelas palavras: fronteiras entre o que pode o sujeito “*sem medo de ser feliz*”? (SD₁) e o que pode o sujeito “*com medo de ser feliz*”? (SD₃). Esta relação se dá no plano do *Interdiscurso*, que nas palavras de Pêcheux:

Longe de ser efeito integrador da discursividade, torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos de uma sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências podem se construir e se deslocar historicamente. (PÊCHEUX, 2015d, p. 158).

⁶ Na esteira da Análise do Discurso, a língua “[...] é reconhecida por sua opacidade e pela forma como nela intervém a sistematicidade e o imaginário, aparecendo o equívoco como elemento constitutivo da mesma” (LEANDRO FERREIRA, 2020, p. 181); Relações que implicam “[...] o sistema, relativamente autônomo e o processo, historicamente determinado (LEANDRO FERREIRA, 1996, p. 40).

É, pois, pela compreensão da interdiscursividade como *princípio de funcionamento de uma formulação*, que outras relações possíveis se abrem... O termo “feliz” ganha espaço na corporificação de um desejo/sentimento (SD₄). Significantes em sua potência de capturar fragmentos de (des)identificação do sujeito, instantes em que na/pela produção discursiva irrompe aquilo que estava em silêncio. É o desejo de *ser* que aparece formulado na letra da canção-slogan, implodindo como uma chama ardente que toma de assalto o enunciador. As SDs 5 e 6 explicitam costuras silenciosas em que *medo* textualiza o amordaçante real da história, que demanda do gesto analítico a sensibilidade sobre as contenções, os impedimentos, as restrições e perseguições que o ser-dizer em tempos de redemocratização e luta pela democracia.

Analisando os silenciamento em Maio de 68, Orlandi (2015b, p. 57) aponta para “[...] sentidos possíveis que foram politicamente interditados e tornam-se inviáveis. Essa impossibilidade, posta pela censura e pela força, se naturaliza e funciona como um pré-construído restritivo [...]”. A condição de restrição referida pela autora reside nos impedimentos na circulação da palavra *liberdade*. Entrementes, é possível visibilizar na SD 7 um outro funcionamento, através do qual “*medo*” não silencia “*feliz*”, do contrário, rasgando os significantes em seus avessos, o desejo é posto em movimento, nas ruas, nas praças, nas urnas, na defesa dos direitos humanos, dos povos indígenas, dos minorias raciais, de gênero, dos pobres, dos que tem fome, dos que querem vacina... É pela formulação textualizada na canção-slogan que se delineara, em diferentes condições de produção, o espaço de luta em que “a esperança venceu o medo”⁷.

Prosseguindo em nosso percurso de análise sobre o vídeo, é preciso também dedicarmos um espaço de reflexão para se ater ao modo como os espaços informatizados jogam fortemente com a centralidade da imagem e produzem formas outras de interpretação e materialização do discurso. Para Beiguelman (2021, p. 32), “a tela foi canibalizada e as imagens tornam-se também espaços de sociabilidade”; E atendo-se a potência dessa formulação teórica/metafórica trazemos algumas perguntas: De que tela está se falando? *Quem a canibalizou? Quem ocupa esses espaços de socialização, agora*

⁷ Disponível em: <https://fenasps.org.br/2022/10/31/a-esperanca-venceu-o-medo/>. Acesso em: 8 out. 2022.

sem bordas ou limites? Em que medida a dimensão da visualização ainda está aí, produzindo efeitos?

De certo, este modo de estar no laço com o outro, por meio de uma economia linguístico-discursiva deslocou a centralidade das telas fixas do cinema, ou da televisão. Do contrário, somos agora interpelados, capturados pela mobilidade dos *smartphones*, que dizem da facilidade de acesso e consumo nas sociedades contemporâneas ocidentalizadas; esse *modus operandi* “[...] transformou os dispositivos em espaços de reivindicação do direito de projeção do sujeito na tela, subvertendo os modos de fazer (enquadrar, editar, sonorizar), mas também os modos de olhar, de ser visto e supervisionado” (BEIGUELMAN, 2021, p. 33). Em tempos marcados pela ultra polarização e disputas políticas, marcado pelas “guerras ideológicas” que lemos em Pêcheux, foi pela tela do celular que o vídeo da campanha presidencial nos chegou.

Propomos o primeiro recorte⁸ :

Recorte 1: Captura de Tela do vídeo “Sem medo de ser feliz”



Disponível em: <https://youtu.be/h8R7ol4DkFg>. Acesso em: 8 out. 2022.

Podemos delimitar nosso primeiro ponto de parada a partir da circulação, que, no escopo da AD, trata-se de pensar “[...] na instância em que os dizeres são como se mostram, os trajetos dos dizeres, os meios que nunca são neutros [...] escritos numa faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc.” (ORLANDI, 2012, p. 11-12). E, nessa perspectiva, ainda assumimos que, nas condições de produção da tecnologia

⁸ Tomamos como procedimento metodológico o gesto de recortar, visando “[...] o funcionamento discursivo, buscando compreender o estabelecimento de relações significativas entre elementos significantes” (LAGAZZI, 2009, p. 67).

digital, o discurso formula-se ao circular (DIAS, 2019). Encaminhar a análise a partir desse ponto é pensar nos modos específicos de textualização pelo *YouTube*, pensando aí a opacidade da linguagem em funcionamento na plataforma.

No recorte, vemos ao fundo o primeiro frame do vídeo em que pequenos quadros agrupam diversos rostos expressivos, imagens de artistas e personalidades da mídia que entoam a letra da música. Sobreposto às imagens, o título – *Sem medo de ser feliz* – escrito em caixa alta, em letras brancas e com uma formatação arredondada, como um marcador à base d'água (que é um recurso diferente da letra de imprensa, da grafia escolar, da letra cursiva).

Comparece na tela, ainda, para seduzir discretamente o olhar do sujeito-usuário, a #Lulaz2022⁹ e a #VamosJuntosPeloBrasil¹⁰, funcionando de modo ambivalente: como um operador linguístico-discursivo (PAVEAU, 2021), ou seja, possibilitando a deriva, o deslocamento do sujeito-usuário para um outro espaço de organização dos discursos, que não coincide necessariamente com a conta no *YouTube* em que o vídeo foi postado; mas também como um marcador que produz formas específicas de identificação do sujeito-usuário na *internet* (GRIGOLETTO; GALLI, 2021).

Um outro elemento que ainda merece nossa atenção neste momento de descrição são alguns recursos da plataforma do *YouTube*: a foto do Presidente Lula sorrindo é a imagem oficial do seu perfil na plataforma, dando à sua conta um carácter mais político-midiatizado, assegurado pelo sinal de verificação ao lado do nome, e menos ordinário, em que o sujeito-usuário Lula estaria assistindo conteúdos diversos na plataforma. Somado a este ponto, há ainda ferramentas que possibilitam ao sujeito-usuário algumas formas de interlocução: seja pela inscrição no canal (tornando-se seguidor), pelo *like* ou *deslike* (permitindo expressar um *gostar* ou *não gostar* do conteúdo) e o compartilhamento (que possibilita o envio do vídeo para outros usuários ou mesmo a postagem em outro ecossistema digital¹¹). Nos interessa assinalar, aqui, que todas essas formas de interlocução, mesmo que funcionem de modo diferente em cada uma de suas especificidades, produzem efeitos contraditórios de endereçamento do sujeito-usuário,

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/hashtag/lulaz2022>. Acesso em: 8 out. 2022.

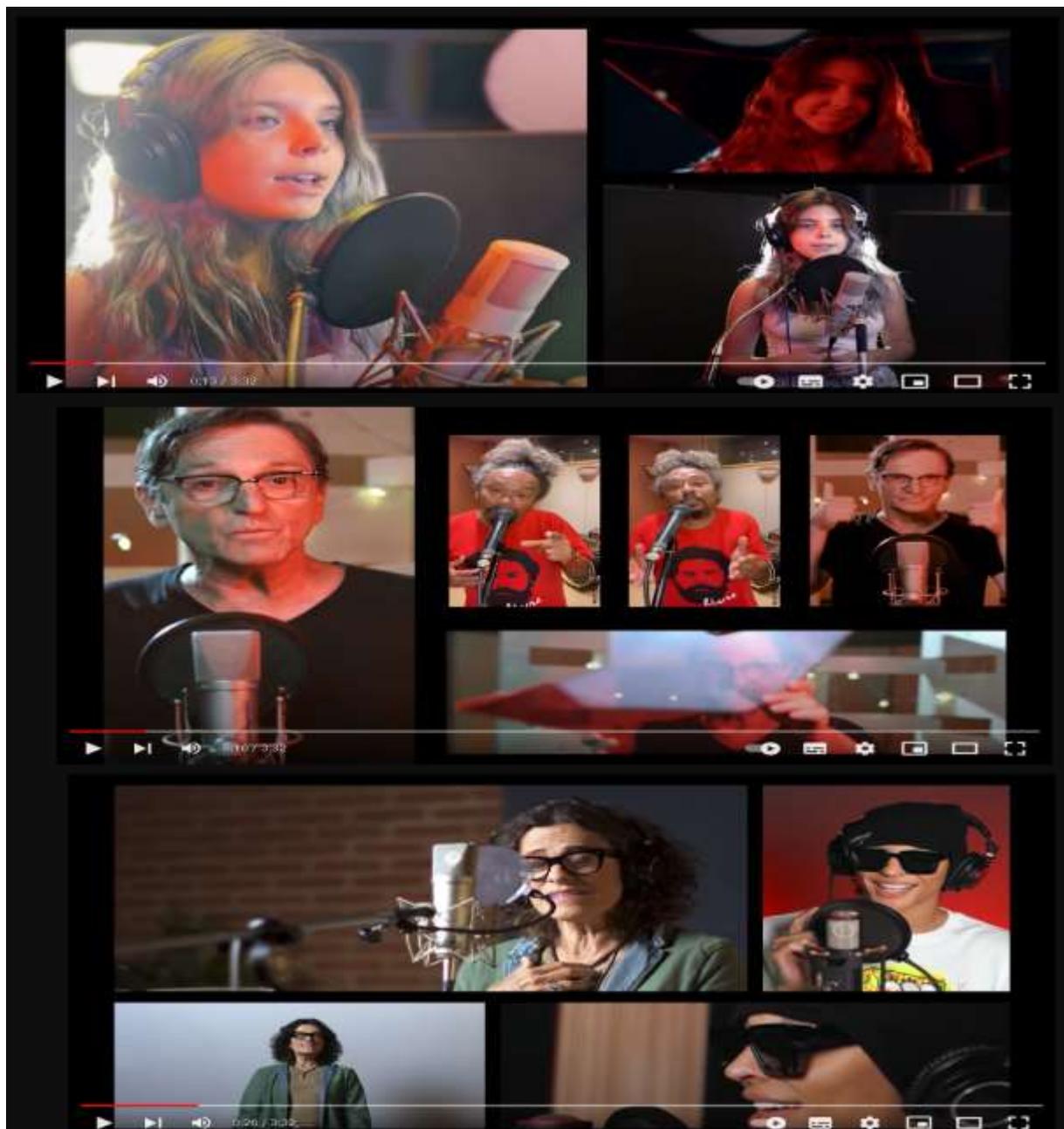
¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/hashtag/vamosjuntospelobrasil>. Acesso em: 8 out. 2022.

¹¹ Paveau (2021).

de modo que “[...] curtir, comentar, compartilhar podem permitir ao usuário da/em rede aderir ou não aos discursos que ali circulam.” (GALLI, 2020, p. 108).

Seguimos com mais um grupo de recortes:

Recortes 2, 3, 4: Capturas de tela do vídeo “Sem medo de ser feliz”



Disponível em: <https://youtu.be/h8R7ol4DkFg>. Acesso em: 8 out. 2022.

É a partir da noção materialidade significativa (LAGAZZI, 2011) que procuramos, agora, nos ater aos modos de *formulação* dos sentidos na tessitura material do vídeo. Nas palavras de Lagazzi (2011, p. 401),

Importa a materialidade significativa nas relações que ela permite, no modo como ela propicia a ancoragem simbólica do sujeito em seus processos de identificação. [...] Assumindo que o discurso se constitui na relação entre a língua e a história, propus falar do discurso como a relação entre materialidade significativa e história para poder concernir o trabalho com as diferentes materialidades e reiterar a importância de tomarmos o sentido como efeito do trabalho simbólico sobre a cadeia significativa, na história. Materialidades prenes de serem significadas. Materialidades que compreendo como o modo significativo pelo qual o sentido se formula.

Esta teorização nos ajuda a interpretar o movimento do sentido no/pelo vídeo. Sua forma de composição visual começa no escuro em preto e branco, com a melodia dedilhada no violão surgindo gradativamente ao passo que a luz (re)aparece, e ambienta o olhar do sujeito-usuário num estúdio de gravação, em que é possível perceber microfones e equipamentos de som. Ao entoar da primeira nota cantada, em voz suave e baixa, num registro soprano, a tela ganha cor, e, em recortes geométricos, ao mesmo tempo que canta, a persona segura uma estrela *vermelha*, e escutamos os versos:

Vem de dentro, eu sei/ De novo um sentimento/ Por muito tempo esperei/ E o coração segue pulsando/ Sem medo de ser feliz.../Há uma voz que tentaram calar/ Mas essa estrela não vai se apagar/ E o brilho ilumina a esperança/ Com fé num futuro melhor eu vou/ Sem medo de ser feliz/ Quero ver chegar.

Recorte 5: Capturas de tela do vídeo “Sem medo de ser feliz”



Disponível em: <https://youtu.be/h8R7ol4DkFg>. Acesso em: 8 out. 2022.

Nessa sequência de cenas, o sujeito-usuário vai percorrendo cada linha melódica pelas tramas da materialidade audiovisual do vídeo, e vai, aos poucos, (re)conhecendo rostos, vozes, sorrisos e gestos que dão voz aos versos: Antônio Grassi, Chico César, Daniel Ganjaman, Dadi Carvalho, Duda Beat, Francisco e Olivia Hine, Mateo (da banda Francisco el hombre), Flor e Bela Gil junto com JP Danasi, Os Gilsons, Janja da Silva, Ju de Paula, Lenine, Maria Rita, Martinho da Vila, Mart'nália, Odair José, Otto e Lavinia,

Pablo Vittar, Paulo Miklos, Russo Passapusso (do grupo Baiana System), Tereza Cristina, Zélia Duncan. Todos seguem juntos cantando: “Lula lá/ Brilha nossa estrela/ Lula lá/ Renasce a esperança/ Lula lá/ O Brasil criança na alegria de se abraçar”. Na Análise do Discurso, trabalhamos a enunciação levando em consideração o incessante movimento dos dizeres na relação com sentidos já sedimentados em nossa formação social. Nesse refluxo das formulações, os sentidos vão sendo retomados, parafraseados, ditos de outro modo, alargando as margens do (im)possível de emergir no fio dos discurso de cada sujeito. Por isso, nas palavras de Pêcheux: “[...] todo discurso é o índice potencial de uma mexida nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que constitui simultaneamente um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento em seu espaço [...]” (PÊCHEUX, 2015f, p. 56).

O vídeo, em seus modos particulares de textualização, produz um efeito ilusório de unidade entre as materialidades significantes mobilizadas em sua produção. Cada uma a seu modo trabalha na relação entre o sentido e a história. Nesse ponto, é preciso trazer novamente algumas considerações teóricas com relação à especificidade de cada uma dessas materialidades, pensadas sempre *em relação à* (LAGAZZI, 2011), ou seja, remetidas à sua inscrição na história.

A materialidade do som e da música, a dimensão da sonoridade, que, pensada do ponto de vista discursivo materialista, remete a um tipo de efeito-leitor específico, produzindo efeitos de sentido que têm sua ordem própria, um modo de formulação específico. Nessa direção, Trajano (2017) coloca questões que nos confrontam com a *materialidade significativa da musicalidade*: “Isto é, a música, tomada enquanto objeto discursivo possível/passível de ser submetido à análise, em melodia, ritmo, tempo, harmonia etc.” (TRAJANO, 2017, p. 148). Trabalhando a relação desses elementos constitutivos – melodia, ritmo, tempo, harmonia – com a historicidade enquanto exterioridade constitutiva de sujeitos e sentidos, o autor ao mesmo tempo que questiona, advoga:

O caráter harmônico e o arranjo musical não dizem nada? A organização dos elementos constituintes (que é uma e não outra) não materializa relações de sentido? Não há nenhuma investida de sentidos históricos (por parte de sujeitos históricos) e nenhuma possibilidade de interpretação, também

historicamente fundamentada e de deslizamento de sentidos e deslocamento de sujeitos na linguagem musical? (TRAJANO, 2017, p. 150).

Se compreendemos a materialidade significativa da música enquanto modo particular de simbolização, que afetam o sujeito fazendo-o estabelecer relações sensíveis com aquilo que é ouvido/escutado é, porque há “[...] equivocidade produzida na/pela música; a tensão entre posições discursivas que nela se materializam; a (tentativa de) estabilização de sentidos e sua opacidade constitutiva” (TRAJANO, 2017, p. 150). Nessa experiência sensível à qual se expõe o sujeito na/pela musicalidade, relações de derivas possíveis (ORLANDI, 2015), nas quais os saberes e dizeres da composição musical remetem a outros que estão dispostos no interdiscurso (eixo da constituição) e são retomados, (re)significados pelo trabalho do sujeito no simbólico, em condições de produção específicas.

A seguir, estendemos nosso gesto para além da materialidade escrita, percebendo pela melodia, há esse processo de remissão entre os refrãos das canções *Lula lá*¹² (eleição de 1989) e *Sem medo de ser feliz* (eleição de 2022):

Figura 1: Análise comparativa do refrão das melodias de *Lula lá* (1989) e *Sem medo de ser feliz* (2022).

C	G	C	G
Lula lá, brilha uma estrela	Lula lá, brilha nossa estrela		
C	G	G#°	C
Lula lá, cresce a esperança	Lula lá, renasce a esperança		
Am	Em	Am	Em
Lula lá, o Brasil criança	Lula lá, o Brasil criança		
F	C/E	Dm	G
Na alegria de se abraçar	Na alegria de se abraçar		

Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/jingles/lula-la/>. Acesso em: 8 out. 2022.

Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/jingles/lula-la-sem-medo-de-ser-feliz/#instrument=guitar>. Acesso em: 8 out. 2022.

Junto à melodia, imbrica-se a materialidade da voz no percurso de formulação do vídeo, significando pelas diferenças entre timbres e demandando por interpretação. No vídeo, cada um dos artistas possui um modo de cantar diferente, relacionados não pela complementaridade, mas por modos paradoxais, simbolizando o embate entre as

¹² A partir daqui, estabeleceremos relações interdiscursivas entre ambas as canções, esforçando-nos, no entanto, para não reproduzir a dicotomia original/cópia.

políticas públicas para cultura e o trabalho artístico posto ao acaso no decorrer dos últimos 4 anos de *(des)governo*. Sobre a inscrição dos sentidos na/pela voz cantada Souza (2016) “[...] destaca-se como casos em enunciados a que elas se referem, sem esgotá-la em suas singularidades, situada à beira do discurso que trabalha para apagar os mesmos rastros sonoros que a singularizam no tempo e no espaço” (p. 74). É possível atribuir a cada uma das figuras públicas e trabalhadores da classe artística do vídeo não apenas um nome artístico (Pablo Vittar, Zélia Duncan, Tereza Cristina *etc.*) como a *representação* de um sujeito empírico, mas também fazer intervir a questão da voz como *enunciações cantantes* (SOUZA, 2016) das quais emergem subjetividades postas à margem do social, da democracia brasileira nos moldes do bolsonarismo: voz-mulher, voz-preta, voz-parda, voz-LGBTQIAP+, voz-trabalhadora, voz-nordestina... Vozes que cantam, *juntas*: “Lula lá/ Com dignidade/ Lula lá/ O Brasil merece outra vez/ Oportunidade pra sorrir/ E brilhar nossa estrela”.

Brilha uma estrela: sistematizações

Recorte 6: Captura de tela do vídeo “Sem medo de ser feliz”



Disponível em: <https://youtu.be/h8R7ol4DkFg>. Acesso em: 8 out. 2022.

Seguindo com a discussão, tateando entre o material de análise e as lições teóricas, retornamos para algumas questões: Sem medo de ser feliz, por quais razões? Que circunstâncias coloca(ra)m em risco a felicidade do povo brasileiro? Perguntas que

apontam para uma relação com a memória discursiva, que desloca, movimenta, sem retornar sempre para o mesmo lugar. O Recorte 6 deixa ver algo dessa relação: o corpo de Lula está em primeiro plano, porém aparece desfocado, borrado, em um momento de fala pública, em um momento de encontro com o povo, uma multidão formada apenas por homens. O olhar escorrega para a multidão de homens, sorrindo, alegres e esperançosos. Ambos os corpos, de Lula e da multidão marcados pelo trabalho, pelas relações de classe, pela política como lugar de identificação, intervenção e resistência.

A letra e melodia da canção Lula Lá, de 1989, são postas em funcionamento no tecido social em condições de produção específicas: na disputa para o segundo turno das eleições, vindo de um partido recém criado, com um discurso arrojado, marcadamente sindicalista e tendo no páreo Fernando Collor (PRN). A canção diz de modos de circulação em que a imprensa televisiva produz modos singulares de captar o sujeito; eram outros tempos, outros regimes de verdade, em um jogo que a democracia parecia estar dando seu primeiro grande respiro. Collor venceu as eleições pelo apoio de diferentes setores da sociedade, prometendo modernizar a economia através de políticas de cunho neoliberal e a abertura da participação estrangeira na economia nacional. Ao mesmo tempo, fazia discursos de orientação religiosa, se auto proclamava um “caçador de marajás” e alertava sobre as ameaças de um governo de esquerda. Memória estranhamente familiar.

Sem medo de ser feliz, de 2022, guarda elementos da canção de 1989, como a semelhança nos acordes e nos versos, mas responde a outras condições de produção. Relações midiáticas pela *internet*, tempo de sufocamento¹³, anticiência¹⁴, ameaças à democracia¹⁵. Nesse cenário, outras relações são postas e de modo que não há uma circularidade. Trabalho em crise, sem orçamento para Saúde e Educação. Significantes como “economia”, “mercado” e “orçamento” funcionam somente na direção do flagelo dos trabalhadores, dos pobres, dos periféricos e famílias mais necessitadas. A felicidade esteve cada vez mais distante.

Seguimos com um último recorte:

¹³ Disponível em: https://youtu.be/g4K_WlfUhuI. Acesso em: 8 out. 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://youtu.be/N--aR7tDGNg>. Acesso em: 8 out. 2022.

¹⁵ Disponível em: <https://youtu.be/ApW87MoRpFI>. Acesso em: 8 out. 2022.

Recorte 7: Captura de tela do vídeo “Sem medo de ser feliz”



Disponível em: <https://youtu.be/h8R7o14DkFg>. Acesso em: 8 out. 2022.

Ao fundo, o corpo Lula é encoberto e quase não se dar a ver, pelo abraço dado pelos braços do povo. Na formulação visual a multidão de corpos e abraços é diversa: homens novos e velhos, mulheres rindo e outras chorando, mãos calejadas, bocas vazias de dentes e olhos apertados pelo sol, um abraço (im)possível de todos os corpos. Corpos integrados, corpos unidos, sorrisos, lutas, esperança. O título do vídeo reaparece mais uma vez, em letras brancas e com grafia em caixa alta, com uma formatação arredondada, como um marcador à base d'água. Mas, dessa vez, aparece acompanhado de uma assinatura, grafada em letra cursiva em um traço fino como de uma caneta no papel. Metáforas de um compromisso com o Brasil. Marcas da escritura que resvalam sujeitos desejanos: desejo de reencontrar sentidos de democracia e de igualdade. Assinatura que reclama sentidos na história. Resistência(s) que se fazem no encontro entre linguagem e ideologia: “A esperança venceu o medo”, “O amor venceu o ódio”, “Sem medo de ser feliz”.

Inicialmente, pensamos em tratar do material **apenas** pela via da *circulação pelo digital*, que impõe formas cada vez mais sofisticadas de interpelação ideológica, determinadas pelo Capitalismo de Dados. Entretanto, foi pela formulação que mostrou-se um frutífero caminho de investimento para pensar os movimentos da memória discursiva entre retornos e deslocamentos. Expor a divisão dos sentidos no/pelo enunciado “Sem medo de ser feliz” abriu nosso horizonte para as resistências produzidas na/pela língua, expondo as marcas históricas que se (re)costuram no interior de um dizer enunciável. Se é na formulação que se marcam as disputas pelo sentido, é porque o

discurso não é *apenas um objeto teórico*, mas o efeito de algo que se coloca na contramão dos processos de dominação. A partir desse movimento analítico, podemos compreender que ao funcionar pelo digital, o *arquivo* deixa ver rastros dessas formulações, que pela sua circulação incansável viabilizam e visibilizam posições-sujeito.

Trabalhando a imbricação entre som, voz, imagem, é que vemos funcionar a memória discursiva na/pela materialidade digital, rejeitando sua compreensão como um operador tecnolinguístico que devolve a materialidade sua transparência, uma vez que, como postula Pêcheux (2015f), ao ser interpelada discursivamente, as imagens perdem sua transparência, justamente “[...] porque um discurso a atravessa e a constitui, mas imagem [torna-se] muda e opaca, quer dizer, aquela da qual a memória perdeu o trajeto de leitura que nunca deteve” (PÊCHEUX, 2015f, p. 49). Essa relação marca, na ordem do digital, a inscrição do simbólico como instância da historicidade, não no sentido cronológico, mas nas contingências, desvios, (in)visibilidades, (im)possibilidades.

Assinalamos que, nas atuais condições de produção, cada vez mais atravessadas e determinadas pela presença das tecnologia(s)/mídia(s) em nossas práticas cotidianas, a prática política é posta em movimento pelo capital digital. Porém, é preciso adicionar a esta consideração o que nos dizem Sousa, Garcia e Faria (2017, p. 222), quando falamos em tecnologia(s) e mídia(s) há sempre a possibilidade da falha: “A tela se apaga, o pergaminho digital deixa de correr na velocidade dos acessos”. Nessa direção, cada vez mais se faz necessário o empenho teórico de descrever, analisar e interpretar discursividade contemporânea, fazendo lembrar de suas relações com outros discursos (como o político, o religioso, o artístico, o pedagógico, urbano *etc.*) e, desse modo, dar consequência a compreensão do arquivo não como compósito, repositório que precede a produção discursiva, mas “Há a xícara lascada, o pires com um trincado no meio, um pedaço obscuro da história, a fotografia rasgada: e essas consideradas imperfeições nem sempre são dadas a ver em exposição” (SOUSA; GARCIA; FARIA, 2017, p. 223). Ferramenta(s) imperfeita(s), para lembrar de Paul Henry, contemporâneo de Pêcheux.

É por esta razão que, nesse exercício analítico, apontamos para a pertinência de não reduzir a Memória Discursiva em aspectos apenas *quantitativos*, no que toca a lida com materiais que se textualizam através da materialidade digital. Seguimos situando-a

teoricamente como estrutura-funcionamento próprio de todo e qualquer discurso, configurando a emergência de modos diversos de subjetivação e viabilizando outras possibilidades de escuta e intervenção no laço social.

Referências

- BEIGUELMAN, G. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: UBU Editora, 2021.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do Discurso Político: as derivas da fala pública**. Tradução: Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuiliard (supervisão). São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.
- DIAS, Cristiane Pereira. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- GALLI, Fernanda Correa Silveira. Efeitos de sentido sobre arte. *In*: ALMEIDA, João Flávio; DARÓZ, Elaine Pereira; RUIZ, Marco Antônio Almeida. (Org.). **Sujeito, Língua, Sentido: caminhos em discurso**. Araraquara-SP: Letraria, 2020. p. 105-114.
- GRIGOLETTO, Evandra. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. *In*: FLORES, Giovanna Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela (Org.). **Análise do Discurso em Rede: Cultura e Mídia – Volume 3**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017. p. 235-252.
- GRIGOLETTO, Evandra; GALLI, Fernanda Correa Silveira. O funcionamento discursivo das hashtags: processo de (des)identificação ou aderência?. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (Org.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017. p. 145-169.
- INDURSKY, F. Lula Lá: Estrutura ou Acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, 2003.
- LAGAZZI, Suzy Maria. O recorte significante na memória. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; MITTMAM, Solange (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.

LAGAZZI, Suzy Maria. Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. *In*: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; BRANCO, Luiza Katia Andrade Castello (Org.). **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre**. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, RG Editores, 2011. p. 401-410.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O estatuto da equivocidade da língua. *In*: GUEDES, Paulo; LIMA, Marília dos Santos. (Orgs.) **Estudos da linguagem**. Porto Alegre, CPG Letras/UFRGS. Col. Ensaio, v. 10, p. 37-50. 1996.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.) **Glossário de Termos de Análise do Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e Argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n.1, p. 73-81, jul-dez.1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 1968: os silêncios da memória: *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015a, p. 53-63.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Tradução: Roberto Leiser Baronas, Júlia Lourenço Costa. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje: *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). **Gestos de Leitura: da história no arquivo**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. P. 57-68.

PÊCHEUX, Michel. Análise do Discurso e Informática. *In*: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Orlandi**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015^a, p. 275-282.

PÊCHEUX, Michel. Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. *In*: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Orlandi**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b, p. 21-54.

PÊCHEUX, Michel. As massas populares são um objeto inanimado?. *In*: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Orlandi**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015c, p. 251-274.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e Interdiscurso. *In*: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Orlandi**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015d, 151-162.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015e.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015f.

PÊCHEUX, Michel. Abertura do Colóquio. *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques *et al.* **Materialidades Discursivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016b.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: retomadas e perspectivas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; GARCIA, Dantielli Assumpção; FARIA, Daiana de Oliveira. Eu curto, tu curtes, ele (não me) curte: Notas sobre o funcionamento de arquivos no Face. **Rua**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 221-241, 2017.

SOUZA, Pedro. O sintoma da voz sob o risco da enunciação sem sujeito. *In*: CAVALLARI, Juliana Santana; BALDINI, Lauro José Siqueira; BARBAI, Marco Aurélio. (Org.). **Discurso e Psicanálise: A-versão do sentido**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 71-88.

TRAJANO, Raphael de Moraes. A materialidade significativa da musicalidade: uma proposta de teorização, metodologia e análise discursiva. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 55, p. 148-163, 2017.

Recebido em 09/03/2023.

Aprovado em 01/03/2024.